

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ao meio-dia; aos Srs. que, o mais tardar, quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 32 — 1.º andar, para se providenciar.

O nosso correspondente de Torres Novas, que assigna a sua carta de 15 do corrente *Constante Leitor*, facilmente adivinhará o porque não lh'a imprimimos, apesar de tão graciosa e para nós tão lisongeira. Não queremos armar mais tolos contra nós.

Motivos de delicadesa vedam que estampemos a curiosa noticia, que nos dá o Sr. N. N. Rogamos-lhe que acredite, que se elles não fossem imperiosos, não prescindiríamos do seu artigo.

O artigo do *Ecclesiastico antipupista* querendo impugnar os nossos sobre a *oração do christão*, dal-o-hiamos á estampa para divertimento do publico, se não viesse tão sobrecarregado de *yy*, de heresias e de etc.

Ao Sr. que se anda gabando de que a supressão, que fizemos, de noticias politicas e de parte official foi devia a certo papel, que elle nos remetteu pelo correio, com um grande borrão de tinta que enchia toda uma pagina, e tendo por unica assignatura o nome de certo objecto, que se acha esculpido por cima de certas portas em Pompéa, supplicamos-lhe que se lembre da fabula da mosca sobre o varal; e que acredite que se a auctoridade de anonymos é desprezível, de desprezível passa ainda a de quem em sua consciencia entende que uma palavra obscena pôde muito bem supprir como synonymo o seu nome.

A carta do Sr. J. M. L., cuja boa intenção para conosco agradecemos, foi entregue ao respectivo editor, que esperamos a tome na devida consideração.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MEIO DE PREPARAR A SEMENTE DA OLIVEIRA.

2949. TENDO lido no seu interessante jornal o modo facil do preparo da semente da oliveira, um dos ramos agricolas mais ricos, e importantes n'este nosso solo, suggeriu-se-me logo a idéa de apresentar outro que, se não fór melhor a outros respeito, é mais breve.

Apanhem-se de oliveiras fortes e robustas, azeitonas perfeitamente maduras, despojem-se de toda a parte carnosa, sem que o caroço se parta: n'uma vasilha de madeira, lance-se uma porção de meio palmo de terra arenosa, que deve ser regada com agua morna, na qual se dissolva uma porção de estérco (1) na razão de quatro arrateis por almude d'agua, que se deve deitar com um regador, para que a terra seja humedecida toda igualmente; sobre esta camada, põe-se outra de caroços, tendo em vista que se não deverão pôr uns sobre os outros: cubram-se depois com meia polegada da mesma terra, que deve humedecer-se levemente com a mesma agua. Continuando isto alternativamente, de maneira que a ultima camada deve ser de terra. A vasilha deve ser furada para que a agua saia com facilidade. Este processo requer um augmento de temperatura conveniente (o melhor é um curral de bois); e uma vez cada semana, rega-se a ultima camada superior, tendo attenção á preparação da agua, como fica dicto. Estes caroços

(1) O qual deve ser de ovelhas ou cabras que são os melhores para este effeito.

conservados d'esta maneira até ao principio da primavera devem então semear-se; com a humidade e calor e com o principio de fermentação, que estes dois agentes promovem, ter-se-ha uma rapida e prompta germinação.

Isidoro José Gonçalves.

FALSIFICAÇÃO DE VINHO.

EXEMPLO INSTRUCTIVO.

2950. REFERE o *Nacional de Paris* que — «M. . . vendeu a um negociante de Rouen 18 pipas de vinho de *S. João Medoc*, que foram pagas pelo comprador, antes de as receber. Chegando as pipas a Rouen, foram apreendidas a requerimento do ministerio publico, o qual, depois de ter feito provar e experimentar o vinho, reconheceu ser adulterado; sem que com tudo ninguem se queixasse; até o comprador estava tão satisfeito com a compra, que escreveu a M. . . cartas, em que lhe declarava a sua satisfação pela excellente qualidade dos vinhos, que lhe havia vendido. Não obstante o ministerio publico não teve a mesma satisfação, e foi inflexivel em apreender o vinho, que este reputava de tão boa qualidade. Logo que o negociante se viu privado de sua mercadoria, sentiu a mesma indignação que o ministerio publico; e assignou, perante o tribunal do commercio de Rouen, requerimento para ser pago da somma desembolçada, perdas e danos que não mentavam a pouco.

Em vão M. . . sustentou que seu adversario, lhe escrevera, agradecendo-lhe a boa qualidade do vinho; em vão representou que a tomadia era um caso de força maior, que elle não podia prever nem impedir: o tribunal o condemnou a pagar ao negociante de Rouen o preço, o frete, o seguro, os juros e uma somma para perdas e danos.

Assim é que as auctoridades procedem em França contra os traficantes liborneiros; é d'esta sorte que os fiscaes do cumprimento das leis não deixam impunes os ladrões, que com o honrado nome de negociantes fazem commercio illicito.

Louvores sejam dados á camara municipal de Lisboa, que segundo vemos em seus editaes do mez passado, começa a mostrar, que quer cohibir os excessos e crimes dos liborneiros de Lisboa, que a todos envenenam, principalmente com o vinho e vinagre falsificado. Já lembrámos em outro artigo a adopção do que em Paris se faz para facilmente se conhecerem os generos corrompidos, ou adulterados: nomeem-se juntas de chimicos e agentes da camara em diferentes pontos da cidade, auctorizados para examinarem qualquer genero, que os cidadãos lhes apresentarem suspeitos de confeições ou adulterações, afim de se proceder contra os traficantes, que devem ser considerados em flagrante delicto, e por isso logo presos, e remettidos ao juiz competente com o auto de verificação. Só com estes meios promptos, se pôde paralisar a perversidade dos liborneiros, e se livrará Lisboa de quotidianas e perpetuas propinações. Conhecemos familias, que sabendo ter o vinagre composição de vitriolo, o mandam vir de fóra da cidade. Nós tambem pediríamos providencias ao concelho de saude, mas havendo n'este corpo um membro, que nos disse ha pouco tempo em uma sua obra — *que o vinho que se vende em Lisboa é bom e que não ha interesse em o falsificar*; não lhe pediremos coisa alguma.

B.

FIAÇÃO DA SEDA.

2951 O Sr. Manuel José Affonso nos escreve de Evora, — «que não se tendo ainda realisado a grande providencia (já lembrada n'este jornal) de se dar nas administrações do tabaco qualquer paga pelo arratel de casulos, seria outro meio animador de tão interessante industria, o publicar-se quanto antes n'esta folha para instrucção das muitas pessoas, a quem ella moveu a plantar amoreiras e crear bichos, o methodo para qualquer poder fiar os seus casulos; methodo que é geralmente ignorado.»

Esperamos que o Sr. Tinelli satisfará com o seu costumado zelo, sciencia e claresa ao louvavel desejo do nosso correspondente, e que o fará ainda a tempo de poder chegar esta preciosa instrucção a todos nossos leitores, antes da colheita dos casulos d'este anno.

PROJECTO DE UMA ESTRADA NOVA DESDE O LARGO DO CONDE BARÃO ATÉ SANCTO AMARO.

(Communicado.)

2952 Aos melhoramentos, de que Lisboa carece, deve addicionar-se uma nova e facil communicação na parte do littoral, desde o largo do Conde Barão, até Sancto Amaro. A porção da cidade comprehendida entre estes dois pontos contém um terço dos habitantes e grande trafico commercial da capital. Demais o transito entre estes dois pontos comprehende os interesses e commodidade da passagem de quasi todos os habitantes, e dos que estão na parte do poente fóra de Lisboa. Todos sabem quanto é dispendioso em tempo e materiaes o caminho actual, que corre desde a Boa-Vista até ao Calvario, por causa das subidas, descidas e voltas que faz, as quaes muito damnificam e consomem as segas, carros, omnibus e animaes empregados n'este serviço.

A nova estrada deve ser dirigida em passando o largo do Conde Barão, pela praya até ás Tercenas, e n'este sitio pouco ha que fazer por ser a praya sólida, e nunca alagada. A companhia que tomar conta d'esta estrada convidará os proprietarios das tercenhas a entrar na associação, avaliando-se a parte que das mesmas tercenhas fór necessaria, para formar o leito da estrada, ficando-lhes o resto. Dois interesses tiram estes proprietarios entrando na associação; 1.º virem a receber pelo que occupar a estrada um capital, que hoje não valem as Tercenas; 2.º ficarem quasi todos os mesmos proprietarios com parte dos terrenos confinantes á estrada, que mais devem valer do que hoje, por quanto estas cazas não poderão em tempo algum tornar a ser deposito dos immensos cereaes, que eram necessarios a Lisboa para as armadas que saham do Téjo para a Europa, Asia, Africa e America. Por interesse dos proprietarios, e da facilidade de construir e endireitar a estrada, deve esta seguir por cima das Tercenas, as quaes a aguentarão compondo-se-lhes as paredes, com as necessarias argamassas fortes.

E com bem pouca despeza a estrada estará feita até á rocha do Conde d'Obidos. N'este logar se formará a estrada na rocha, que sendo de pouca extensão, pouco custará na occasião da vasante, assentar as grossas pedras que formem altura, a que a agua não che-

gue, porque nada ha que recear da solidez do terreno, que pelo nome e sitio bem conhecido é. D'aqui até ao forte d'Alcantara ou d'Alfarrobeira a maior parte das obras consistem em derribar paredes das tercenhas, argamassar e fortificar as que servirem para o leito da estrada, e entulhar. Quando acabam as Tercenas, parece-nos, que a estrada deve ser formada sobre as rochas da praya, endireitando á dóca d'Alfarrobeira, que sendo do Estado, póde ser cedida pela utilidade, que o mesmo Estado tira da obra. D'esta dóca por diante até Sancto Amaro a maior obra será fazer um ou dois arcos para dar passagem ás aguas do rio d'Alcantara, porque tudo o mais será lançar pedra sobre a praya para formar o leito da estrada, a qual pedra existe na mesma praya, de excellentes qualidades, já quebrada, e prompta para o macadamiso.

Esta obra pelo orçamento de peritos não gastará mais de cento e cincoenta contos de réis, porque a maior parte dos trabalhos se podem fazer por empreza, ou empreitada, e por estarem na proximidade a pedra e materiaes necessarios. D'esta sorte ficará pelo littoral communicada toda a cidade sómente com uma subida no sitio de Sancta Apollonia.

As vantagens d'esta obra são as seguintes: — 1.ª todo o transito da Boa-Vista a Sancto Amaro poderá fazer-se na terça parte do tempo, que pela actual estrada se dispende, e esta economia de tempo formará em poucos annos um grande capital, pois que os homens, os animaes e todos os instrumentos occupados no transito empregarão o tempo economisado em outros serviços, e pela commodidade e facilidade de andar pouparão ferro e todos os materiaes de construcção de carros, seges e omnibus; podendo affirmar-se, que não será menos importante esta economia.

2.ª Os omnibus, que fazem earreira n'esta direcção, poderão dispensar uma terça parte de suas bestas, e alguma gente empregada no mesmo serviço: farão maior numero de jornadas, não tendo subidas, descidas, nem voltas que dar n'aquelle caminho.

3.ª Os omnibus poderão pela nova estrada estender as suas carreiras até Pedroços, pelo mesmo preço que levam até Belem, conseguindo, no verão principalmente, tanta concorrência, que só esta carreira fará a prosperidade da companhia dos omnibus, que deverá por isso ser a primeira, em se associar á que empreender fazer a nova estrada.

4.ª Dará mais vida e animação aos bairros da Junqueira, Belem e Pedroços.

5.ª Fará entrar em associação, para lucrar e sustentar-se, a definhada companhia dos omnibus, os proprietarios de tercenhas, alguns dos quaes estão hoje pagando por ellas fóros pesados, sem receberem interesses. Todos os proprietarios confinantes com a nova estrada também verão augmentar o valor de seus terrenos e cazas.

6.ª Deve a companhia interessar d'alguma sorte os obreiros e operarios, dando-lhes além do jornal diario alguma pequena gratificação nos interesses, que fizerem os empreendedores da nova estrada. Com este interesse as obras se farão em pouco tempo com solidez e perfeição, e talvez por menos de metade, do que custariam, se os operarios não fossem interessados. Esta associação mútua de capitalistas, proprietarios e obreiros dará vida e interesses a mui-

tíssima gente da definhada capital, que não encontra nas artes ou commercio meios de sustentar-se, nem o tempo e as circumstancias lhe dão esperança de emprego mais util nos ramos da industria ou commercio.

Forme-se a associação, e dentro em um anno a obra se fará, talvez por metade da somma, em que está orçada, se a fiscalisar pessoa, que a isto se offerece gratuitamente, sem se ingerir em receber, nem pagar coisa alguma, mostrando assim o seu desinteresse. B.

STATISTICA DE SUICIDIOS.

2953 M. Andral apresentou á academia das sciencias de Paris, da parte de M. Etoc Demazy, medico principal do asylo dos alienados do departamento da Sarthe, observações acerca do suicidio. No espaço de 12 annos, diz M. Etoc Demazy, houve no Mans 87 suicidios; 66 de homens e 21 de mulheres: ou 4 suicidio por 1:892 habitantes. O auctor averiguou que no trimestre de abril a julho, é que havia maior numero de suicidios; e que o praso em que menos havia era entre outubro e janeiro. Dois terços foram em lua cheia; nas segundas-feiras mais que em nenhum dos outros dias da semana; e mais de dia do que de noite.

M. Etoc Demazy crê poder afirmar — que o suicidio é mais frequente entre os casados do que entre os solteiros: finalmente um grande numero, dos que se suicidaram, tinha já apresentado symptomas de alienação mental; ou tinha já padecido muito, ou tido uma vida desregrada e criminosa.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

SINGULAR COSTUME DOS FRADES DE S. DOMINGOS DE LISBOA.

28 DE MAIO 1506.

2954 Se sois do tempo dos frades (como creio), e se entendeis do ceremonial das procissões (do que muito duvido) reparareis alguma vez que os frades de S. Domingos de Lisboa, quando saíam em corpo de comunidade de cruz alçada, usavam voltar o Christo da cruz, não para diante mas para traz, isto é, com a face para a comunidade. Este uso singular, e contra a pratica commum, tinha, segundo se conta, a origem seguinte.

O celebre tumulto de 1506 contra os christãos novos, que encheu de sangue e de horror toda a Lisboa, teve, como é sabido, seu principio na igreja de S. Domingos; e alguns frades do mesmo convento foram seus principaes instigadores. Além de outros graves castigos que a justiça impoz aos réos, ordenou el-rei que saíssem do seu convento os religiosos de S. Domingos. Muito se empenharam estes para impedir que fosse avante esta ordem; mas baldados foram seus esforços, e el-rei insistiu em que todavia saíssem. Com effeito em quinta-feira 28 de maio de 1506 se saíram em corpo de comunidade com a cruz na fórma sobredita, dando n'isto a intender que perdidas as esperanças de recurso humano, só tinham ao Senhor por seu refugio. Em memoria pois d'esta forçada migração se

perpetuou o uso da cruz virada para traz; não obstante que por intervenção do papa, foram os dictos religiosos restituídos ao seu convento logo a 24 de outubro do mesmo anno.

J. H. da Cunha Rivara.

RESPOSTA A UM ESCRUPULO.

2955 Uma senhora das mais respeitaveis pela sua piedade nos manda rogar, que sem perda de tempo condemnemos, pelo modo mais formal e explicito, uma expressão impia, escapada a um de nossos colaboradores (aliás excellente christão) no artigo 2909.

Dizia elle, fallando do navio, por nome, *neptuno*, que da Italia trouxera a Lisboa uma rica imagem da VIRGEM MÃE em 1750: — *optima occasião para algum poeta dizedor d'aquelles tempos fazer um romance á Virgem da Conceição deitada em braços de Neptuno.* Esta expressão, segundo parece, foi tomada como desacato á MÃE de Deus; quando não era, nem podia ser, quanto a nós, mais que um gracejo, (talvez menos bem reflectido) contra os poetas de romances e silvas d'aquella desatinadissima época litteraria. O termo de *poeta dizedor* não marca porventura, com assás de clareza, reprovação e a intenção unicamente litteraria do periodo? Quem tiver lido a *Phenix Renascida* e até os sermões do Padre Collares e outros refinadores da eschola subtil de Vieira; quem, subindo ainda mais pelos tempos, se lembrar dos Lusíadas e do clerigo Baccho em Moçambique, e mais para além ainda, dos Autos do bom Gil-Vicente, longe de condemnar, approvará e elogiará talvez o animo com que o nosso amigo lançou aquellas palavras.

Esperamos, que a Exm.^a Queixosa, a quem damos satisfação, discreta e instruida como é, apreciará devidamente o que deixamos escripto; e para assim o esperarmos julgamos que assás nos dão direito quantos artigo se teem publicado n'este jornal nos tres annos da sua existencia, em que nunca se encontrou nem sembra de irreverencia para com os sagrados objectos da crença e culto dos catholicos.

D. SEBASTIÃO-O-DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

II.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos, não eram tão loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim. Garrett.

O CONSELHO.

2956 DE todo se occultára o sol no distante horizonte; um listão auri-vermelho era quanto restava do seu poder em o nosso hemispherio, e nuvens acasteladas para o ocidente davam pasto a imaginações ferventes que, em seus recortes, viam mausoleus agigantados, fêras descommunes, anjos e demonios. — A paz da solidão começa de reinar por entre essa infecunda congérie de penedos que constitue a serra de Cintra; porém vozes humanas quebram a mudez da natureza.

— Quem está ahí? — Oh! são dois homens — é o velho Luiz de Camões, que com a vista pregada no

joven monarcha segue, parado, todos os seus movimentos; — e Diogo Bernardes, que tendo abandonado a companhia do seu rei, para gosar mais alguns momentos da sociedade do homem sabio, cravára n'elle os olhos, e mudo e quedo o contemplava.

— Vae mancebo inexperto, dizia o velho, que só te lembram as palmas do triumpho, os canticos do applauso, os hymnos da victoria; e não vês o abysmo aberto na senda que vás trilhar, não vês o tigre mosqueado dos sertões da Lybia abrir as fauces para te tragar; a ti e aos teus — a ti, e á tua patria. ¡Oh! cara patria! . . .

Não pôde continuar porque as lagrimas lhe cortaram o dizer; deixou-as correr, e alfim reunindo todas as suas forças: — Bernardes, disse endereçando a palavra ao outro velho, não podes tu salvar D. Sebastião, salvar Portugal? — dize?

— Já não é tempo! respondeu solemnemente Bernardes.

— Quem lhe arreigou pois na alma esse projecto de destruição? Foi Satanaz por certo?

— Foi a nobresa clamando contra a entrega que seu avô fez aos moiros de Safim, Azamor, Arzila e Alcacer; foram as promessas do Xarife de o coroar imperador de Marrocos; foram os conselhos do seu confessor sobre a propagação da Fé guerreando os infieis; foi a sua indole naturalmente bellicosa, e emfim o teu poema dos Lusíadas que fortificou suas idéas sobre a preferencia das praças de Africa, que estendem os limites de Portugal sem quebrar a sua unidade, ás colonias da India que tem o oceano de permeio — inimigo giganteu e implacavel, que torna impossivel a ligação de dois imperios nas extremidades do mundo.

— ¡Oh! desamparado de Deus que eu sou! Até o meu poema que antepuz ao oiro, á vida, — que julgava só produziria bens, porque a semente era a virtude. . . esse mesmo conspira contra a patria, contra o rei, contra mim! — Oh! bem me lembro d'esses versos que puz na bocca de um honrado velho, ao partir a armada para o descobrimento do Oriente:

Não tens juncto comtigo o ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas;
Não segue elle do arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas:
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas:
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

Deixas crear ás portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe:
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor com larga cópia
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia!

Oh! meus cantos tão queridos, tambem vós, em logar da corôa de loiro que esperava me tecesseis, ajudaes a assentar-me a do martyrio! — Tambem contribuis a sepultar Portugal, quando eu vos cria companheiros da sua gloria!

— Mais do que isso, Camões, não seguirão a patria só nos seus dias de gloria, irão com ella á beira do sepulchro, e — ¡milagre do genio! — depois de extincta, serão ainda taboa, que leve a distantes praias os restos do naufragio — um nome glorioso; — serão mais duradoiros que esses gigantes de granito elevados pelo orgulho do homem, — sobreviverão a todos os monumentos — como os poemas de Virgilio ás atrevidas construcções dos dictadores do Universo.

Emquanto, engolfados em suas meditações sublimes, os dois poetas são assaltados pela noite; dê-me o leitor a mão, que atravez das ruas estreitas, tortuosas e immundas da villa — que pelo estado actual se pôde inferir qual seria ha dois seculos e meio — o pertendemos conduzir ao palacio real, aonde deve reunir-se o conselho.

Era já elle então, como hoje é, uma fabrica sumptuosa, formada de diversos lanços de edificios, cuja romantica desharmonia agrada a todos os olhos que não sejam de classico extremado; — duas chaminés de grandes dimensões augmentam a magestade a esta construcção maravilhosa, e as gothicas-esguias frestas com seu rendado emtorno merecem o nome de bellas. Os homens d'aquellas eras olhavam com respeito para esta habitação real, que duas épochas memoraveis recordava ella: — a liberdade, ganha no campo de batalha, por seu fundador D. João-o-popular; — e o cume da gloria e esplendor nacional, por D. Manuel-o-feliz, que lhe deu extensão e brilho.

Entremos em palacio, que já por essas portadas gothicas se engolfou toda a comitiva; — toda não, que dois homens ficaram á porta; fallam de manso; escutemos o que dizem.

— Então, Aldana, está firmemente resolvido sobre as vossas informações, a desferir as velas, e pôr as prôas em Africa?

— Sim, Sr. D. João da Silva, partirá apezar de toda a eloquencia d'esses conselheiros velhos que o cercam n'este momento.

— S. M. não se esquecerá dos vossos serviços, quer vença, quer fique vencido o actual rei de Portugal.

— Lucra de toda a maneira: se triumphar, tem seguros seus portos de invasões barberescas; se morre, como é de esperar ficando vencido, é seu legitimo herdeiro.

¡São dois traidores. . .! Não; são dois escravos, que promovem os seus interesses e os de seu senhor. — Um d'elles era o embaixador de Castella, o outro o capitão Francisco Aldana.

Atravessemos estas longas sallas, que lá diviso ao fim o logar do conselho: era uma pequena camara em que avultava uma ampla poltrona de asulejo, e uma comprida bancada da mesma materia — taes os logares destinados para o rei e os conselheiros de estado, nova magistratura que instituíra D. Sebastião, e que tem chegado até nós: — no de mais os ornatos da salla eram alguns pannos de Arraz, aonde se viam symbolisadas personagens da Escripura, da mythologia, e da historia profana. Ainda hoje um criado do palacio, mediante pequena esportula, vos mostrará as paredes nuas d'essa salla, e vos dirá indicando os assentos com aquella convicção de *ciceroni*: — Foi alli que D. Sebastião e o seu conselho decidiram a jornada de Africa; — o que não é verdade, porque havia muito que o rei decidira ir combater os infieis,

e nenhum dos conselheiros apoiou, como hoje diríamos, a proposta do seu presidente; ponto importante, que os meus leitores vão profundar, querendo proseguir na leitura d'este capitulo, que encerra, como todos os mais, só narrações veridicas.

Ao clarão pálido dos brandões que circumdavam a salla, se viam os rostos contristados e abatidos dos velhos guerreiros que haviam derramado o sangue por mãos de moiros e gentios, — dois mancebos estavam tambem ahi, ufanos de se verem collocados entre fidalgos de tão alta nomeada por sua cavalleria e saber; — os olhos de D. Sebastião mostravam quanto mais agradavel lhe seria um recontro com inimigos, do que as admoestações que de seus conselheiros esperava ouvir. — Sentou-se; e a um signal seu todos lhe seguiram o exemplo; houve um momento de mudez, em que esta camara similhava a officina de um estatuario, até que o monarcha começou n'estes termos:

— Leaes vassallos e conselheiros; objecto de alta monta hei a communicar-vos; — passo á Africa.

O silencio das campas reinava então na salla. D. Sebastião procurou ler nos rostos dos conselheiros as diversas commoções, que lhes fizeram as poucas, mas terminantes palavras que soltára; a pallidez se espalhára n'aquellas faces respeitaveis, e um suspiro abafado foi quanto se escutou. Não descoroçoou o monarcha, antes com mais seguro assento continuou: —

— Vou montar os leões em seus covis, vingar affrontas da christandade, estender meus dominios, pôr no throno de um usurpador o herdeiro dos Xarifes! — A sorte que me aguarda é a de todos os homens empreendedores: se vencedor, serei um monarcha digno de empunhar o sceptro; Lisboa me abrirá suas portas entre os gritos de alegria; e, coroando-me de palmas, os trovadores não tardarão em comparar-me a Cesar ou Alexandre, — se vencido, um louco, um temerario: tal seria o destino de meu predecessor que abateu a orgulhosa Ceuta, se aquelles descritos, tantas vezes mais numerosos que os nossos, souberam defender seus lares; e bem diverso appellido coubera ao *Africano*, ao vencedor de Arzila, se a fortuna lhe embotára a espada nos areaes de Africa como nos campos de Toro. Não é para tractarmos das vantagens ou desvantagens d'esta jornada que eu vos chamei a conselho — reuni-vos para que o vosso saber e experiencia hajam de guiar meus passos. — Fallae, D. João de Mascarenhas, a vós compete primeiro, como áquelle que nos precedeu a todos na carreira da vida.

Todos os olhos se dirigiram para o vencedor de Diu; e o ancião alçando a cerviz, que os annos já faziam dobrar, e amparando-se com as mãos ao escabelo, ergueu-se em pé, e mudo um momento, parecia um phantasma de gigante, armado de ponto em branco, como nol-os pintam os antigos rimances.

— Senhor, disse elle emfim, o dever de leal vassallo me impõe a obrigação de repetir o que tantas vezes hei dicto para salvação do reino. — Vós ides perder-vos, senhor, que mui diminutas são nossas forças, bem pouco valem esses auxiliares mercenarios de Italia e de Allemanha, e ainda menos valerão os partidarios mouriscos d'esse Xarife imbecil, que se diz aguardarem-n'os em Tanger: — quem seguirá as partes de um tyranno como Muley Mahamet,

que perdeu a corôa por effeito de suas torpezas? — Olhae que aguerridos são os moiros, e mui experimentado o seu chefe que na Turquia aprendeu a combater: os soccorros de Castella não chegam, nossos peões são bisonhos, e a cavalleria christã está agonizante; o estandarte da Cruz já se não cerca de afervorados como n'outro tempo, e difficil será já agora reconquistar nosso predominio na Africa, — melhor fôra sustental-o na India, que não vá desabar tambem.

— Lá está D. Luiz de Attaide para o amparar, que não conta elle os soldados quando tem que abater o orgulho de descritos; com bem poucos desfez a liga de todos os potentados do Oriente.

— Nem eu os contei, senhor, nos muros de Diu...

— A idade vos enfraqueceu os brios, — atalhou D. Sebastião, tomando um gésto alegre, porém que patenteava ironia, — nossos physicos são de opinião que a velhice faz acobardar o mais bravo dos homens; que aos oitenta annos.....

— Oitenta annos tenho, senhor, para vos aconsellar, porém vinte para combater por vós.

— Senhor, dae-nos ouvidos! disse outro velho cavalleiro, que a par se assentava de D. João de Mascarenhas; ¿despresareis os pareceres de homens experimentados, porque contrariam vossa vontade de ferro? ¿Acoimareis de cobardes áquelles de quem o mundo inteiro sabe o nome, como de homens sobre-naturaes — que tão incriveis são suas façanhas? — ¿cuspireis affrontas na face resequida de vosso antigo ayo, só porque vos pertende salvar, que vos não segue — apesar da vontade — aos areaes de Africa, porque a idade lh'o prohibe, mas que vos entrega seus filhos — cavalleiros esperançosos, e unica consolação de seus dias? — ¿Não attendereis finalmente aos avisos do céu? — o incendio d'esse armazem em que se alojavam os petrechos destinados á desgraçada empreza, que se ignora como e quem lhe deitou o fogo... a apparição de um cometa...

— Á... á... á... interrompeu o rei com uma gargalhada prolongada. — O cometa me avisa que...

Depois tomando um gésto carregado, pronunciou estas palavras: —

— ¿; Viria eu aqui só para ouvir as reprehensões de D. João de Mascarenhas, e D. Aleixo de Menezes! ? — ¿; nenhum de vós me facultará meios para sair bem d'esta empreza?!

— A minha espada, senhor, e a minha vida; disse D. Christovam de Tavora, erguendo-se solemnemente da extremidade do escabelo onde tomára logar como o mais joven da assembléa.

— A sorte do meu rei será a minha; defender-vos-hei até ao ultimo trance da vida por todos os meios ao meu alcance.

Outro mancebo pronunciou estas palavras com a mão direita na cruz da espada; — era o juramento de um neto de D. João de Castro, a fidelidade lhe coubera por herança, tinha de ser cumprido.

Os outros senhores que presentes estavam, nada disseram; e o rei concluiu o conselho com estas palavras: — Partiremos ámanhã para Lisboa, e em poucos dias para Arzila; — acceito a vossa companhia, D. Christovam de Tavora, D. João de Castro, e os vossos filhos, D. Aleixo; quanto a vós, D. João de Mascarenhas, vossa prudencia consumada é mister

no reino; ficareis governando os meus povos de parceria com o arcebispo D. Jorge d'Almeida, Francisco de Sá, e Pero de Alcaçova, que presentes estão. — A nação não sentirá a minha falta.

Disse e partiu; o silencio reinou então n'aquelle recinto ha pouco tão ruidoso, e estendeu em breve suas azas sobre o restante da villa.

¿Quem diria que n'aquelle logar acabava de se pôr o sello á ruina de uma nação?

Francisco Maria Bordallo.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

TRASLADAÇÃO DE UM SANCTO.

(Carta.)

2957 O COLLEGIO de Sancta Rita, de Agostinhos Descalços, ficou, assim como os demais da cidade, devoluto depois da extincção das ordens religiosas, estabelecendo-se n'elle, a principio, a séde do governo civil, e alugando-se depois a estudantes. A sua formosa egreja, livre dos horrores da profanação, continuou a ser frequentada pelos fiéis nos domingos e dias sanctos. — Depois que o Sr. A. Forjaz comprou este collegio, tornou-se vulgar uma noticia até então sabida de poucas pessoas; — que na capella do corredor apparecêra um sancto *em carne*. — Accudiu o povo a certificar-se da nova, interveio a auctoridade ecclesiastica, e effectivamente se achou um esqueleto humano, coberto de uma massa esbranquiçada, similhando betume, que lhe dava feições de corpo organizado, (podendo, ainda assim, ver-se mui distinctamente o espinhaço com todas as suas vértebras e costellas articuladas, o crâneo, ossos dos pés e mãos, etc.), vestido em trajos a modo de soldado romano.

E' o caso, que no mesmo tempo em que de Roma enviára o Summo Pontifice ao piedoso Bispo D. Miguel da Annunciação os esqueletos de S. Liberato e S. Clemente, para collocar na egreja do sumptuoso seminario, que acabava de fundar, viéra tambem este de S. Fructuoso, martyr e soldado como os dois companheiros, para o collegio de Sancta Rita, onde se lhe construiu capella particular, permanecendo n'ella desde 1834 até agora esquecido e ignorado.

O dever e a piedade persuadiam que se trasladasse o sancto a melhor logar; que de presépe de cães tinha servido a capella havia já muito profanada. O Exm.º Vigario Geral accordou, que em quinta-feira de Ascensão, com decente acompanhamento de clérigos, se levasse para o seminario: murmurou o povo, que queria ver pompas e festival triumpho, emvez do que apenas se lhe representava mesquinha formalidade, e alguns mancebos, com vénia do prelado, se encarregaram de dirigir a funcção, que foi solemne e primorosa.

À egreja de Sancta Rita concorreram as nove confrarias do Sacramento, toda a cleresia, muitas pessoas qualificadas, a tropa da guarnição da cidade, etc., e d'alli acompanharam o sancto guerreiro, cercado de formosissimos anjos, ricamente adornados, até ao seminario, onde se cantou o hymno *Te Deum* a grande orchestra.

O concurso do povo da cidade e visinhanças foi

immenso; pelas ruas atropellava-se, e fóra de portas enchia a calçada de Sancta Anna, e os largos do Jardim Botânico, de S. José, e Seminario; o seu jubileo e contentamento era indisivel; tinha um sancto novo, sob cuja protecção se promettia largos dias de ventura. Além d'isso uma procissão numerosa caminhando pausadamente sobre um chão coberto de verdura matizada de boninas, por entre renques de arvores magestosas, debaixo de um céu perfumado dos aromas de milhões de flores, confundindo-se as harmonias dos Canticos Sagrados com os trinados melodiosos das aves do bosque, tem um não sei quê de poetica suavidade, que encanta o espirito e arrebatava a imaginação. — A quinta-feira de Ascensão de 1844 tem de ser lembrada em Coimbra por muitos annos.

R. de Gusmão.

S. FRUCTUOSO EM COIMBRA.

(2.ª carta sobre o mesmo assumpto.)

2958 DESDE o anno do Senhor de 1834, em que os bons religiosos haviam sido expulsos do seu bello collegio de Sancta Rita; (dizemos bons religiosos, porque bons eram realmente aquelles frades; entre os quaes avultavam alguns sabios e eruditos varões, ainda hoje de grande nomeada de saber, e virtudes; bem regulada e sisuda aquella sancta casa; e não heivada a ordem, como tantas outras, da desmoralisação e relação do seculo;) desde esse anno, que lá no fundo do dormitorio principal jasia escondido, e ignorado, debaixo do altar da formosa capella do tópo, o corpo do bemaventurado martyr S. Fructuoso.

Aquelle corpo era de grande devoção e respeito entre os monges negros de Sancta Rita; que o mostrava bem o recato, com que era guardado em elegante capellinha, vedada com suas portas e cortinas, ornada de muitas reliquias e de formoso retabulo: — jasia estirado dentro no altar, com um vidro inteiriço por diante, em acção de descansar, com a cabeça reclinada sobre um braço, e o outro estendido ao longo do corpo sobre a espada. Porque deve saber-se que o sancto foi soldado e valente capitão, como logo veremos; e por isso está vestido ao modo dos romanos guerreiros d'aquelles tempos, de rico sendáu de brocado de seda, com suas custosas rendas e bordaduras d'oiro, e joias, com os seus gantes calçados, a sua coiraça lusente, o seu elmo desatado e deposto no chão, e os seus ricos coturnos abertos, como era usança d'aquellas eras.

Ha memoria de que aquelle corpo viera de Roma assim preparado, unidos e ligados os ossos debaixo das ricas vestes, e com a sua bella cabeça de mancebo no verdor dos annos, ainda imberbe, e sem gorra, nem capacete, mas toda coberta de elegantes cabelos negros, que lhe caem em anneis por um lado e outro das faces mui mimosas; mimosas, e macias, porque são de cera, trabalhadas muito ao natural, e coloridas delicadamente; que parece o sancto um lindo pagem d'aquelles, que os rimances e trovas nos descantam como adorno e mimo das *côrtes de amor* ou dos enfeitados palacios dos bons tempos da idade média.

Outrora pendia-lhe ao lado uma rica espada toda recamada de oiros e joias; e de oiros e joias eram tambem os anneis dos dedos e abotoaduras, e laços, que o enfeitavam; e de oiros macisso a palma do martyrio sancto, que sofrêra. Tudo isto desapareceu, ce-

mo tantas outras riquezas e primores, na devastação da nossa mal governada regeneração politica.

Até que um dia, nos principios do corrente maio, se espalhou entre o popular de Coimbra um rumor vago, muito vago, mas bem accete por todos como tudo o que é maravilhoso e novo, e que não sabemos d'onde nasceu, nem por que modo; mas só que o sancto era um bello mocetão de carne e osso, que dava á noite os seus passeios pelos vastos dormitórios; já vestido de monge de Sancta Rita, já coberto de armas, já fallando de voz muito clara, já trincando raivoso os maltrapilhos, já dando com a sua manopla em alguma velha hedionda, que se lhe chegava mais de perto, como indicava um vidro quebrado juncto á mão direita, — quebrado com uma grande bofetada que dera o sancto mancebo.

Estes e quejandos rumores cresceram de hora em hora, de bocca em bocca; até que de muitas leguas entrou a vir uma romaria contínua a vêr o sancto milagroso; que foi preciso cerrar as portas do convento, e regular a maneira da visita; que a toda a hora do dia cercava a casa uma multidão de mulheres, homens, creanças, velhos e gente de toda a especie, que ás vezes prorompiam em exclamações e voserias, e por duas vezes arrombaram e forçaram as portas da entrada.

E logo as offrendas, os votos, as pertenções de diferentes corporações a requererem para si o sancto; os requerimentos encontrados dos devotos, e mil outras coisas, que fizeram d'elle o privativo objecto de todas as conversações e pensamentos; até que o judicioso vigario geral do bispado, sem dar corpo á superstição dos credulos e protegendo a devoção dos bons, proveu n'este negocio muito prudentemente, ordenando a trasladação das reliquias sagradas para uma capella do seminario episcopal, onde seriam guardadas com a devoção e recolhimento que cumpria.

Determinou-se para a cerimonia o dia da Ascenção, 16 do corrente; e logo de madrugada se transferiu o corpo da capella para a igreja do convento, que esteve todo o dia cheia de um concurso immenso, que se apinhava extatico, e pasmado pelo pulpito, pelas escadas, pelos altares, cada um a saborear-se com uma olhadura, de longe que fosse, do mancebo milagroso.

As 5 horas da tarde saíu o sancto condusido em um rico berço ou caixão doirado, coberto com um ligeiro volante ornado de ouro, que lhe haviam offerecido em donativo, acompanhado pelo virtuoso chefe da diocese, pelos conegos da Sé, padres, ordinandos, e collegiaes do seminario, as irmandades do Sacramento de todas as parochias da cidade, uma escolta de 40 soldados e muitos estudantes e paisanos, que nas fileiras iam incorporados alumando o sancto com brandões de cera, e acompanhando o pallio: passou por entre varios arcos de seda e flores, que no transitio haviam armado os devotos, e seguiu, entre o estrepito de muitas girandolas de fogo, e repiques de sinos, as ruas da Pedreira, Trindade, S. Pedro, rua larga, castello, arcos de Sancta Anna, até ao jardim botanico e seminario.

A concorrência do publico foi admiravel, especialmente no jardim botanico; onde formava um vistoso espectáculo aquelle prestito religioso, e aquellas duas compridas alas de brandões accesos e vestes verme-

lhas, por uma bella tarde de maio, ao longo da immensa gradaria, onde se apinhava de um lado e outro o publico de todas as classes; seguindo o sancto pela parte de dentro do jardim um numerozissimo sequito de pessoas, que com elle se encontraram depois no largo de S. José e do seminario; onde a concorrência foi tão numerosa, que foi mister vedar o ingresso da capella e do pateo.

A' entrada da nova morada do sancto, rebentaram novas girandolas e morteiros, e rompeu a musica do seminario em um magnifico *Te Deum*; terminando ao pôr do sol toda aquella vistosa trasladação do bem-aventurado martyr.

E como durante o largo transitio nos soassem á direita e á esquerda algumas palavras destacadas, que iam colhendo, ácerca da vida do sancto, do seu martyrio, da sua genuinidade, e da authenticidade das reliquias sagradas, diremos aqui alguma coisa ácerca de quem era, para que não seja confundido com os outros sanctos do seu nome, e para que não esfrie a devoção dos fieis com o boato, que por ali ia correndo de que os seus ossos verdadeiros eram guardados em Compostella, e a sua cabeça em Villa Real; o que tudo nasce da inexactidão com que taes biographias são tractadas nos sanctoraes antigos, que as mais das vezes attribuem a um todos os feitos dos sanctos do mesmo nome, como os Hercules da fabula. Mas nós que lemos a fundo aquelles sanctoraes e memorias, diremos a nossa humilde opinião ácerca do que de mais verdadeiro podemos colher de tantos livros, por ter sido o sancto nosso visinho; e não queremos que os nossos visinhos soffram testemunhos no seu credito, ou brilhem com luz emprestada, em quanto houvermos lingua e papel com que os desaffrontemos.

De quatro sanctos, com o nome de S. Fructuoso, dão noticia os velhos sanctoraes.

O primeiro, e porventura de mais nomeada, é o que a igreja celebra a 16 de abril. Foi godo de nação em as nossas Hispanhas, filho de um duque muito esclarecido e valente, de sangue real, e senhor da fortuna immensa de sua illustre casa, que toda despendeu na fundação do rico mosteiro da ordem de S. Bento nos seus dominios de Vierço, juncto a Astorga, e de outros conventos, em que viveu vida penitente; até que disposto a fazer uma perigrinação á Terra-Sancta, el-rei Ciudasuindo, para livral-o d'isso, o nomeou bispo de Dume, no Minho, em cuja qualidade assistiu ao 10.º concilio toledano, onde os padres o nomearam arcebispo de Braga e primaz das Hispanhas, pela deposição de Potamio. Por cinco annos foi o modelo da virtude e modestia christã na sé metropolitana de Braga, continuando a viver com extrema pobreza e penitencia, despendendo com os pobres, e com o ensino e morigeração do clero, e com o reparo e fundação de novos mosteiros os seus immensos thesouros; até que um dia convocou os fieis, e despedindo-se d'elles, alli ficou morto mesmo na igreja, onde foi depositado o seu corpo, e d'ahi transferido 540 annos depois para a Sé de Compostella, por D. Diogo de Gelmino, 1.º bispo d'aquella igreja, com grande mágoa dos bracharenses; e lá está em uma arca antiquissima, toda marchetada, guardado com grande devoção. Fallam d'elle largamente, *Flores, Thesaurus concion.* e o nosso *Agiologio*.

E já vemos que certo não é este o nosso sancto.

O segundo é celebrado no mesmo dia em Constantin, juncto a Villa Real. Este sim, que é nosso, e muito portuguez; era filho de um rico lavrador d'aquella terra, serviu desde moço na sé de Braga como exemplar sacerdote, e foi nomeado pelo célebre arcebispo Eleutherio, abbade da sua aldêa, onde se distinguio em continencia e virtudes; perigrinou a Roma e a Jerusalem, d'onde para a sua igreja trouxe muitas reliquias sagradas, e morreu pouco depois da sua volta. O corpo foi depositado na sua parochia, e depois mudado para uma urna de pedra na capella-mór do lado da epistola; conservando-se de fóra o crâneo, que foi roubado pelos gallegos em 1540, e logo reivindicado; e lá se conserva ainda hoje em um nicho, com grades de ferro; sendo crença e tradição d'aquelles bons povos de Villa Real, que o crâneo roubado apparecêra milagrosamente na igreja por intervenção do sancto; e é muito reverenciado para curas de cães damnados, com o nome de cabeça sancta. E' particularmente mencionado em *Ambrosio de Morales*, no *Agiologio Lusitano*, e mais sanctoraes nossos.

Parece-nos que tambem não será este o nosso mancebo.

O terceiro é celebrado aos 21 de janeiro. Foi bispo e martyr. Viveu no tempo do imperador Galieno; floreceu em grandes virtudes, e regeu a igreja teragonense; até que foi prêso, e logo consumido pelas chamas, pendente em uma cruz, onde soffreu o seu martyrio, com dois diáconos da mesma sé, que igualmente preferiram a morte ao paganismo. D'este martyr não se faz menção em sanctoral algum portuguez, que tivéssemos á mão; mas apenas muito de passagem no martyrologio romano annotado por Baronio, e mais largamente no sermão 101 de St.º Agostinho no dia da sua festividade. E acreditamos, que é este talvez o unico documento escripto, por onde conste a sua existencia; pois Beda, Usuardo, Ado e Mombricio, que d'elle fazem menção, lhe são mui posteriores.

Este, postoque martyr, tambem não tem visos de ser o nosso sancto.

O 4.º é celebrado a 25 de outubro na igreja de Segovia, de que é padroeiro. Fala d'elle Baronio muito de relance em uma nota ao martyrologio novo; mas por mais diligencias, que fizemos não nos foi possível descobrir outra noticia mais larga; e ficámos em jejum acerca da sua naturalidade, vida, e graduação. Temos pena, por acreditarmos muito do nosso coração que a este sancto, e não aos outros tres, pertence a ossada venerada pelos nossos devotos; que não é de crer vestissem de guerreiro romano e de mancebo a qualquer d'aquelles tres sanctos prelados, que todos morreram no descaír da idade, e não consta que em tempo algum cingissem a couraça, nem empunhassem a lauça; mas sómente os seus baculos, e as suas vestes sacerdotaes. Além d'isto ainda temos outro motivo, que nos leva a acreditar na identidade d'aquelle sancto: e vem a ser que a armadura, de que está revestido condiz absolutamente com a qualidade de padroeiro, ou patrono da cidade e terras de Segovia; pois foi sempre usança dos povos da christandade escolherem para seus padroeiros, ou patronos, ou advogados a sanctos que houvessem nas

guerras militado, e que por isso podessem dar-lhes bom conselho, e defesa contra inimigos e infieis, na lucta quasi perenne dos tempos da idade media, e dos que se lhe seguiram; mormente nas Hispanhas contra a moirisma. Haja vista, sem ir mais longe, ao nosso S. Jorge e a S. Thiago; que se veneram montados em bellos cavallos brancos, cobertos de rijas cotas, e malhas.

Mas já a poeira dos velhos e carunchosos chronicoes e sanctoraes, que revolvemos, nos entrou pelos olhos, e pela garganta; e tempo é de acabarmos com estas mal alinhadas palavras ácerca do nosso martyr. Sentimos não satisfazer completamente os nossos devotos ácerca de objecto tão melindroso; mas não quizemos improvisar, nem fazer de romancistas, mas tão sómente colher a difficil verdade, que ahi deixamos toda empoeirada como os *in folio*, onde a bebemos. Damos todavia a nossa palavra de não soffrarmos as nossas inquirições e diligencias, até que possamos mais de espaço, levar á evidencia a identidade d'aquelle sancto; ou descobrir um quinto S. Fructuoso, que sem nosso conhecimento estivesse sotterado n'esses carneiros de Roma. E não nos fica escrupulo em quanto a livros, salvo se os sanctoraes hispanhoes nos esclarecerem mais; pois d'esses confessamos humildemente, que pouco vimos. Tambem vamos escrever a alguns sabios religiosos do mosteiro, e se não ficarmos enterrados em poeira, ou caruncho, daremos breve razão de nós e do nosso trabalho, para desafogo e descanso dos devotos do nosso sancto.

Coimbra, 17 de Maio de 1844.

J. F. de S.

FUNDOS PUBLICOS.

2959 Os especuladores sobre os fundos portuguezes nas praças de Londres e Paris, e até nas de Hollanda, onde os fundos de 5 por cento foram reduzidos a 3, já começam a dar as suas ordens para aqui na praça de Lisboa se effectuarem avultadas compras dos nossos titulos de divida publica.

Muitas dezenas de contos de réis se tem assim vendido; e ha transacções pendentes por quantias muito mais consideraveis. É sem duvida em consequencia d'esta procura, que o cambio para Londres tem subido a 56 pences por mil réis, tendo vindo ordens para a compra dos titulos por meio de saques sobre a praça de Londres.

Com esta lisongeira mudança, grandes vantagens se proporcionam, não só ao commercio, mas a todos os que entram em gyros de dinheiro. Assim, cessará o empenho (ruinoso para o paiz) de mandar d'aqui cruzados novos para fóra do reino; e talvez affluam ao nosso mercado as libras esterlinas para se concluir as transacções encetadas; e d'este modo conseguiremos mudar, dentro em pouco tempo, a precaria situação do nosso mercado, dando-lhe a actividade e a extensão que se observa em outros analogos de diversas nações.

As acções do banco de Portugal, cujo representativo é de 500\$000 réis, tem-se vendido a 700\$000 réis; as acções das companhias experimentam tambem uma subida de preço; e tudo presagía uma quadra de assignaladas vantagens se houyer juizo, perseverança e constancia.

A construcção de estradas a que se vai proceder, e cujos trabalhos em parte do reino já estão em andamento, é sem duvida o complemento indispensavel para que, pelo aperfeiçoamento das nossas commu- nicações internas, se multiplique a extracção dos productos d'este rico sólo, e se dê á agricultura a importancia que lhe compete, e da qual depende essencialmente, como é sabido, a prosperidade geral da nossa patria.

(Communicado do Diario do Governo.)

CONTAS DE DOIS MINISTERIOS.

2960 SAÍRAM á luz as contas do ministerio do reino do anno economico de 1842 a 1843; e do exercicio do anno economico de 1841 a 1842: folio de 189 paginas: — e as do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça dos mesmos annos no mesmo formato, com 47 paginas.

D'estas obras, executadas, segundo ouvimos a intendedores, com a pericia e clareza, que distinguem o illustre official que as organisou, deduz-se — que, d'estes dois ministerios, o primeiro pagou 1.278:118\$130 réis: ficou devendo 173:315\$492 réis: — o segundo pagou 388:191\$238 réis: ficou a dever 187:395\$132 réis.

GRANDE PLEITO

2961 SOB esta epigraphie demos conta no artigo 1675 — do julgamento na relação de Lisboa da celebre causa do agio da moeda papel, intentada pelos Srs. Lino, Pimenta e companhia, contra o Sr. conde de Farrobo, com respeito á sublocação do contracto do tabaco.

No dia 17 do corrente, foi sentenciada no supremo tribunal de justiça, a favor dos mencionados sublocatarios, sendo (se bem nos informam) o unico fundamento pelo qual foi annullado o ultimo accordam da relação, o haverem sido os embargos oppostos ao primeiro accordam, apresentados algumas horas depois do praso marcado na lei!

Esta questão de horas, já tinha sido seriamente ventilada na relação (segundo vimos dos autos publicados pela *Gazeta dos Tribunaes*), votando contra ella, por inprocedente e impertinente, os Srs. desembargadores Tavares — Alves de Sá — e Miranda: e a favor, os Srs. desembargadores Godinho — e Cunha. Agora no supremo tribunal, a favor os Srs. conselheiros V. de Laborim — e Abreu Castello Branco: contra, os Srs. conselheiros Camello — Cunha — e Cabral.

E para notar com estranheza, que uma questão, a que podemos chamar de *ampolheta*, tenha por si igual numero de votos, em tribunaes de tal cathogoria e tão consummada jurisprudencia, e então n'uma causa importantissima, até pelas suas consequencias, segundo indicámos no nosso referido artigo: por quanto, prevalecendo a ultima decisão do supremo tribunal, lá vão cair sobre o nosso atrophico thesoiro publico, mais esses tantos mil contos de *indemnisações*, com os quaes havemos de pagar todos, o descuido ou ignorancia de algum letrado ou procurador, se porventura o houve, no que não nos compete entrar.

Entretanto, como ainda parece que restam dois recursos, temos fé em que os tribunaes hão-de reconsiderar, que a philosophica e bem entendida justiça, não póde já

mais fazer com que por tão mesquinho fundamento, fique onerada uma nação inteira!

PEQUENA AMOSTRA DA IMMENSA PERDA DE OLIVAES EM TRAS-OS-MONTES.

(Extracto de uma carta.)

2962 REMETTO a V. uma relação das perdas causadas pelo gelo no concelho de Cortiços, afim de lhe dar publicidade: só os povos que n'ella vão mencionados, e que ficam ao meio dia, é que possuíam oliveiras, e estes ainda poucas possuíam, por serem os que formam a transição da serra para a chamada — terra quente. — Esta relação, bem como todas as mais que sobre este objecto foram remetidas ao governo, por ordem do mesmo, e imperfeita por dois motivos 1.º porque muitas oliveiras, que ainda se reputavam com vida quando se fez a louvação, estão hoje de todo seccas; 2.º porque se espalhou nos povos uma illusão não sei d'onde emanada, que lhe fazia ver n'estas provincias, emvez de um principio de utilidade, um prejuizo certo; muitos louvaram em 20 a perda de 100. Tentei remediar este mal, mas não a tempo.

Valor das oliveiras perdidas em cada uma das aldeas: Bornes — 1:200\$000. — Burga — 2:209\$400. — Carapatas — 1:100\$000. — Cedainhos. — 7:000\$000 — Cernadella — 1:080\$000. — Cortiços — 6:716\$200. — Grijó — 1:630\$400. — Macedo — 6:200\$000 — Nogueirinho — 5:890\$000. — Pinhovelo — 150\$000. Romeu — 4:300\$000. — Perulfe — 800\$000. — Travanco — 2:112\$800. — Valle das nés. — 7:744\$800. — Valle bem feito — 1:110\$800. — Valle de prados — 3:000\$000. — Valle de pradinhos — 2:000\$000. Valle de Couso — 2:100\$000. — Vimieiro — 2:161\$800 Total — 57:705\$200.

A. Mauricio Cabral.

UM GRANDE PLANTADOR DE AMOREIRAS.

2963 Convencidos tão intimamente como estamos de que a seda nos ha-de vir a ser, em dias proximos, uma cultura principalissima e uma fonte caudal de riquezas, não cançaremos de estimular as vontades para este fim; e um dos meios mais efficazes, intendemos nós que é, o presentarmos para exemplares aos descuidosos as diligencias dos homens illustrados e activos: isso temos feito, isso continuaremos a fazer.

O Exm.º Sr. ANTONIO DIAS DE OLIVEIRA, de quem só muito por alto podemos fallar no artigo 2818, onde enumeravamos os que se haviam distinguido em plantar amoreiras; — consta-nos agora por carta de pessoa de credito que esteve na sua quinta de Ermelo, que principiou ahí ha tres annos a plantal-as; e conta já 1:200: a saber, umas 500 macrophilas, quasi outras tantas multicaules, e as mais brancas. Alóra as multicaules, que bordam regos e fazem tapumes, as mais são todas empregadas como arvores de vinho. Cuida o proprietario em fazer d'ellas um grande viveiro, pelo que se lhe derem, em bem, as que estão postas, terá de augmentar dez vezes mais a sua plantação, e de fornecer os seus vizinhos, que estão com os olhos n'elle; os quaes n'esse caso substituirão as suas, per si inuteis, arvores de vinho por amoreiras.

REPENTINO RESFRIAMENTO NA ATMOS- PHERA DE LISBOA.

2964 DECORREU o este maio, até ao dia 17, na sua natural temperatura, manifestando-se calores notáveis a 2, 3, e 4, em que o thermometro atingiu 81° nas horas quentes, e 55° nas madrugadas. Este mesmo calor se repetiu novamente desde 12 até 17, conservando a media temperatura d'aquelles dias entre 68° e 69°, com as madrugadas tepidas, e assás calmosas as horas meridianas; porém infelizmente continuou a grande seccura que predomina desde novembro, pois que apesar de algumas pequenas trovoadas que appareceram a 14 e 15, apenas caíram em Lisboa até hoje 20, dez millimetros de chuva, que ainda não equivalem á quarta parte da chuva normal de maio excedendo já o deficit da chuva no passado semestre de novembro a abril, a mais de metade da que compete a um anno regular. Em 16 começou a baixar o barometro; mas este annuncio só manifestou a apparição de um vento impetuoso do norte, que repentinamente fez baixar a temperatura das madrugadas a 47°, e a das horas quentes a 61° resultando a fria temperatura de 54° para a totalidade dos dias, a qual pouco excede á temperatura media dos dias de janeiro. Este repentino esfriamento de vinte grãos nas horas meridianas, não pôde deixar de ser muito nocivo á saude dos habitantes d'este capital, especialmente aos individuos do bello sexo, que desprivinidos terãe diminuido o seu agasalho confiando na permanencia da suave temperatura do mez, devendo tambem esta insolita transicção, pela impetuosidade dos ventos, e grande seccura do ar, ter absorvido a maior parte da escassa humidade da terra, subtraindo ao reino vegetal os succos que o alimentam.

M. M. Franzini.

BRIGA MORTIFERA NA CADEA DO LIMOEIRO.

2965 A SEMANA passada, dois juizes das cadeas do limoeiro travaram-se de rasões por causa do ajuste e pagamento de contas antigas. Um d'elles, passando de palavras a obras, saca um punhal, e o crava no peito de seu devedor, lançando-o por terra quasi morto. Um dos presos espectadores do conflicto, querendo apartal-os, pega n'uma tripeça e descarrega no aggressor lançando-o tambem no chão; mas elle, erguendo-se logo, arremette para o seu novo adversario com o ferro em punho. — Este foge a refugiar-se no seu quarto, e ao fechar precepitadamente a porta, entalla o braço do assassino, e lh'o quebra: o assassino, passando o punhal para a mão esquerda, deu que fazer para o poderem agarrar. Parece que se acha em perigo de vida: o outro juiz já morreu, e o que atalhou a briga com a tripeça, que era preso de culpa leve, saiu solto por fiança.

Parece-nos que, se elle só teve intenção de atalhar tão assanhada rixa, e o não pôde fazer por menos, deve ser, em vez de condemnado, absolvido e louvado pela sua intrepidez, com a qual evitou que o furioso assassino accomettesse os demais companheiros.

NEM TUDO O QUE LUZ É OIRO.

(Carta.)

2966 O nosso povo, e principalmente o das pro-

vincias, tem para si que o melhor uso que pôde dar ao dinheirinho, forrado á custa de muito suor e de muitas privações, é empregal-o em diferentes trastes de oiro, com que mui galbardamente se adorna o bello sexo em dias festivos; o que sobre proporcionar-lhe este praser, que já não é coisa pouca, tem de mais a vantagem de lhe assegurar um valor real, que muitas vezes lhe serve em occasiões de apuro: e nisto, tenho eu para mim, que mais avisadamente andam os que assim ebram, do que aquelles, que para seus adornos, preferem essas quinquilharias que os estrangeiros nos vendem por bom dinheiro, e que nada valem.

É por occasião das feiras, que os nossos paisanos fazem as suas compras e trocas, em que quasi sempre ficam enganados, pelo que diz respeito ao preço; porque, em quanto á qualidade, cumpre confessar, que não tem havido até agora exemplo de fraude, porque os negociantes d'este genero, ou ourives, que ás feiras concorrem pela maior parte do Porto e Guimarães, são sujeitos edoneos e accreditados; porém uma vez é a primeira; e este anno, na feira que se fez n'esta villa por meado de março appareceu um certo individuo, não sei de que terra, com uma vistosa e bem sortida tenda de ourives, que todo quanto oiro vendeu era falso, ou tão ligado, que não tem a terça parte do seu verdadeiro valor — e logo por desgraça, foi um dos que mais venderam, não só porque se accommodava mais nos preços, mas tambem por ser novo.

É este um roubo de muita transcendencia, classificado com premeditado e fraudulento, que cumpre evitar por algum meio, sendo o principal, a punição severa do deliquente.

A denuncia d'este facto, servirá ao menos para que muita gente evite o laço — e, já não é pouco. Torres Novas 25 de março de 1844.

De V.

C. J. Xavier Cordeiro.

COLLECÇÃO DE RECEITAS.

2967 PUBLICOU-SE o 3.º livrete da ultima obra assim intitulada; e deita de paginas 119 a 182. Tracta da cochenilha, do kermes, da lacca, da cochenilha da Polonia, do chayaver, da assafrão, e do pau do Brazil.

BALEA Á COSTA.

2968 N'um dos primeiros dias do corrente mez, deu á costa no logar de Magoite, termo de Cintra, uma balêa, que brevemente morreu. Das suas dimensões, diz o nosso correspondente, que nada pôde informar, porque quando chegou a vel-a, já estava toda em pedaços, para ser reduzida a azeite, por um hispanhol, que alli appareceu, e que pagava aos homens que n'isso trabalhavam 480 réis por dia.

VITRIFICADORES PORTUGUEZES.

2969 Dois mancebos, empregados em uma das secretarias de estado, tendo visto trabalhar o habil vitrificador, Mr. Cayrol, já conhecido dos nossos leitores, conceberam a esperanza de por si mesmos fazerem outro tanto: mandaram fazer a meza, a alampada, o maçarico, o folle de ingenho, e pozeram-se atrevidamente a trabalhar.

Ouvimos que já das suas mãos teem saído algumas peças de notavel perfeição, como cestos, lustres e até figurinhas de amores e diabretes.

TRADUÇÃO PORTUGUEZA DE UMA OBRA

ALLEMÃ. — RECORDAÇÕES DO ANNO DE 1842. — PELO PRINCIPE LICHNOWSKY.

2970 ESTE curioso livro, vae brevemente publicar-se trasladado do proprio original allemão, com muito esmero e fidelidade segundo nos affirmam, e temos razão de crer, pelo conceito em que geralmente é tido o traductor.

Para amostra do interesse que excita esta obra copiamos para aqui o indice dos capitulos que se n'ella contém.

CAPITULO I — Viagem da Allemanha pela Hollanda, Inglaterra, e Bahía de Biscaia — Vigo — Os gallegos — Mindello, e o desembarque de D. Pedro em 1832 — As Berlengas — Lisboa — Theatro de S. Carlos — Duque da Terceira — Seges, Ruas, e Cães.

CAPITULO II — Cintra — Dietz — Lord Howard — Tractado de Commercio com a Inglaterra — Queluz — Aqueducto de Alcantara — Quintas nos arredores de Lisboa — Observações botanicas, e geognosticas Bemfica, e Quintella — Palacio das Necessidades — O Rei e a Rainha — O exercito — Embaraços nos negocios da Igreja — Procissões, e ingerencia do Clero na politica — O Duque de Palmella.

CAPITULO III — Costa Cabral, e os partidos políticos — Eleições; Oradores — Cavallariças reaes — Corridas de touros — Alhandra, e Sobralinho — O Condo de Villa Real — Igrejas e edificios de Lisboa — Belem — Ajuda.

CAPITULO IV — Viagens, e livros — O Barão de Renduffe — Viagem sobre o Tejo — Valle de Zebro — Castello de Palmella — Setubal, e Troia — Arrabida, Calhariz, e Azeitão — A infanta D. Izabel no Ramalhão — A corte, e a camarilha — Os palacios da Pena, e de Cintra — Arredores de Cintra — O convento de cortiça, e Penha-Verde — D. João de Castro — Seteais — Mafra.

CAPITULO V — Viagem para a Figueira, e pelo Mondego — Coimbra — Jornada para Aveiro, e viagem nocturna sobre a ria de Ovar — Porto — Jornada a Braga, e Guimarães — Serra e convento do Busaco — Pombal e Leiria — Mosteiros de Alcobaça e da Batalha — Regresso para Lisboa.

CAPITULO VI — Partida de Portugal. — Tomam-se assignaturas nas principaes lojas do costume. — Preço 600 réis pagos á entrega do livro.

ESCOTILHAS DO THEATRO ATÉ POR FORA D'ELLE.

2971 Diz-se que indo um dia do mez passado duas figurantes da ópera para um ensaio, uma das quaes, muito moça, era escrupulosamente vigiada, como filha, pela outra, que lhe fazia as vezes de boa mãe, e sentindo ao irem chegando á porta, por onde do picadeiro se desce para a caixa, que já o ensaio estava começado, a mais velha apertou o passo dizendo á outra que a seguisse e correndo e saltando desceu, como um relampago, a escada. — Chegando a baixo, olha para traz, e não vê a companheira: — espera alguns momentos, chama-a — cha-

ma-a outra vez em voz mais alta; — torna a subir; — chega á rua, e nem ouve nem avista a que procura. Não sabemos o que daria origem a este desaparecimento theatral, nem se a fugitiva tornou para casa.

CAÇAR NO THEATRO.

2972 No dia 13 do corrente foi no theatro de S. Carlos o preconisado beneficio de Madame Rossi. Apesar da incontestavel superioridade d'esta cantora, até hoje sem rival na nossa scena, e de se haver annuciado que executaria uma graciosa aria da ópera franceza a *Embaixatriz*, nem a enchente foi tanta como da primeira vez, nem os applausos tão estrepitosos. Seria unicamente culpada n'esta friesa a estação, que já traz dispersos pelas quintas alguns dos frequentadores da ópera? Talvez; mas em geral attribuía-se o desagradavel effeito a mui diversa causa. Gortia e accredita-se ainda hoje, como certo, que a beneficiada era a empreza mesma; a qual, especulando nas sympathias do Publico para com a sua prima dona, obtivera, da excessiva condescendencia d'esta, que emprestasse o seu nome e o seu talento para este *qui pro quo*, digno dos enredos das comedias antigas.

Quanto a nós não podemos dar assenso a um tal boato; — nem Madame Rossi, nem a empreza eram certamente capazes de uma velhacaria, tanto mais desgraçada quanto rompido o segredo (e qual é o segredo theatral que se não rompe?), uma e outra ficariam necessariamente incursas n'um desagrado, que lhes faria pagar caro, a uma, a sua acquiescencia em negocio muito pouco airoso; á outra, a vileza de o haver concebido, proposto e executado com manifesto prejuizo de terceiro e com o intuito unieamente em junctar n'uma noite mais alguns cruzados-novos, á custa da credulidade de um povo, de cuja generosidade não são de certo estes emprezarios que se podem queixar.

Repetimos que não acreditamos — que empreza alguma do mundo ousasse jámais peccar assim, ao mesmo tempo, contra a prudencia e contra a honestidade. — Como quer que seja, o esperado triumpho nem chegou a ovação. Dois ou tres pobres ramalhetes e um casal de pombos brancos foram as unicas oblações, que se enviaram á problematica beneficiada: e ainda dos dois pombos, lançados por uma amavel senhora e correios de lindos versos que nós tivemos o gosto de ver, só um chegou ao seu destino. Soltos apenas do camarote, um refugiou-se todo medroso no camarote immediato, d'onde em toda a noite o não deixaram sair, o outro foi pararia um camarote da ordem nobre d'onde depois de o despojarem, segundo parece, da innocente mensagem que levava, o soltaram sem recado e como um pateta para ir, como foi, parar mudo aos pés da que os devia a ambos receber. Não é a primeira vez que um semelhante abuso se commette.

O theatro poderá ser logar de caçadas de outro genero, e de pombos!? — Ir para o theatro arranjar a cêa, é pelo menos desusado. Tomar o que manifestamente se sabe e se vê que vae mandado por uma pessoa á outra, — tomal-o diante dos olhos de ambas ellas e de mil testemunhas, fazer degenerar uma galanteria em fricassé, ou antepôr uma panella ao camarim perfumado de uma prima dona, é um attentado contra a propriedade, é um quebrantamento flagrante das primeiras noções da delicadeza. Da subtração dos versos ao outro, nada diremos por par-

te do direito, porque prevemos a resposta que não é difficil. A carta constitucional affiança a inviolabilidade do segredo das cartas do correio, mas não faz menção dos bilhetes e muito menos em verso pendurados ás pernas dos pombos.

UMA CANTORA VOLATILISADA.

2973 Por participação telegraphica recebida aqui do Porto no domingo ultimo dava o theatro da cidade heroica a consternada noticia de se lhe haver sumido não sabia como, nem onde, nem por qué a sua dilectissima prima-donna Madame Olivier: em consequencia do que foi logo mandada para a supprir Miss Albertini. Em boa hora partisse esta que não vá subverter-se por alguma nova escotilha.

Segundo uma carta, que do Porto nos escreve *uma dilettante de S. João*, dizem uns por lá que a immorttal cantora morrerá; outros que se retirou para uma casa de campo, onde está preparando em segredo uma peça nova; outros emfim que se embarcára secretamente para Paris. Se o tempo não deslindar o caso, vamos ter alguma seita de *olivieristas* como já tivemos de *sebastianistas*.

UMA DAMA COM UM THEATRO ÀS COSTAS.

2974 A progressiva retirada de cantoras de S. Carlos fez com que a final todo o peso das óperas, que haverá até ao fim d'este mez, viesse a cair sobre a muito amavel e condescendente Madame Rossi Caccia: que hoje faz lembrar, *mutatis mutandis*, o S. Francisco do andar na antiga procissão dos terceiros, aguentando com um braço robusto a egreja inclinada e de boa cara: o que é certo, é que se a ella aceresceu um trabalho com que nenhuma outra poderia, e que não é demasiadamente pago pela addicção de dez moedas por cada noite, que representar fóra da obrigação da sua escriptura, o publico amante da boa musica lucrou infinitamente. Madame Rossi poderia cantar 365 noites por anno diante dos mesmos ouvintes, e colher em dia de S. Silvestre os mesmos applausos, que houvesse recebido em dia de anno bom.

Será logo outra boa nova para os nossos leitores o saberem, que não obstantes os convites e promessas que de alguns theatros estrangeiros se lhe haviam feito, Madame Rossi está escripturada para o nosso até 1846.

ORCHESTRA CHRONOMÉTRICA.

2975 QUEM tiver o seu relógio errado poderá acertal-o pela ultima arcada de rabeça de S. Carlos a 31 do corrente: — quando esta arcada soar, é meia noite em ponto. Todo o instrumental se levantará como um só musico deixando embora Madame Rossi com a bocca aberta na primeira syllaba de um *pietà*, ou Madame Mabilli com um de seus pés de *syllhíde* no ar. A explicação d'este nunca visto phenomeno, d'esta rarissima conformidade entre instrumentistas, eil-aqui: —

A orchestra d'este theatro é justa pela empreza aos mezes, e o seu mez acaba no sexagesimo minuto depois das onze horas da noite de 31: se o espectáculo durasse um segundo mais, decidiu (como geralmente se diz) o chefe da conjuração musica, que lhes haviam de pagar todo o mez de junho: ora como é evidente que um segundo não constitue um mez de

junho, a empreza decidiu o contrario, insistindo em que assim como os dias theatraes differem dos civis em se comporem só de noites, assim as noites theatraes se não reputam acabadas senão quando acaba o espectáculo. Foi uma lucta entre dois corpos fortes: a empreza fundada no senso commum, a orchestra n'uma escriptura de mui problematica legalidade e na mathematica de um relógio: se a orchestra prevalecesse, quem viria a pagar as custas era o publico.

Eis-aqui o de que servem as colligações e os estados no estado.

Nós aconselhamos á empreza, que se não deixasse atterrar por taes phantasmagorias de resistencias; que pozesse afoitamente em scena o seu projectado espectáculo d'essa noite, acabasse quando acabasse. Se o instrumental a desamparar no meio, não haverá sido culpa sua, nem essa affronta aos espectadores ficará provavelmente impune. E' até de esperar que a auctoridade policial saberá constranger os desertores a voltar para o seu posto, e a terminar um acto a que indubitavelmente são obrigados. Se no dia seguinte se intentasse alguma acção em juizo por parte do instrumental forçado contra a empreza, póde esta estar certa de que em nenhum tribunal do mundo a obrigariam a pagar o que não deve.

PORQUE ESTÁ CAMÕES NA BERLINDA.

2976 Diz-se que se tenciona ordenar á Academia das Bellas Artes de Lisboa — que faça executar em marmore, e de grandeza colossal, a estatua de CAMÕES, riscada pelo lente de esculptura da mesma academia, o Sr. Francisco de Assis Rodrigues, para ser imposta, como remate, no alto da frontaria principal (isto é, no alto da ilharga direita) do theatro *agrião*.

Seja-nos licito duvidar da veracidade do boato, emquanto se nos não mostrar o que ha de commum entre CAMÕES e a arte dramatica: — porque as comedias de *Amphitrão* e de *elrei Seleuco*, não cuidamos que haja ahí quem n'as encorpore entre os titulos de gloria do auctor dos *Lusiadas*. Com egual propriedade o poderiam collocar sobre o hospital dos doidos, por ter escripto umas trovas que se intitulavam *disparates na Índia*; ou em cima da porta do cemiterio, por ter feito um soneto que principiava —

« Alma minha gentil que te partiste. »
Rematar o theatro portuguez (portuguez, com licença dos italianos) com um poeta épico, deixando no esquecimento GIL VICENTE sobre tudo, e ainda depois d'elle, ANTONIO FERREIRA, JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS e ANTONIO PRESTES, seria commetter uma injustiça, e deixar á geração seguinte para emendar um erro do peso de muitos quintaes, depois, já se sabe, de bem e devidamente chasqueados pelos viajantes e *turistas* estrangeiros, que não deixariam de ir á bibliotheca publica pedir para verem os dramas inéditos de CAMÕES. Que levantem muito embora a CAMÕES uma estatua de marmore ou de bronze, se quizerem e poderem, e que a ponham na praça do seu nome: — outro tanto fizeram, pouco ha, os castelhanos ao seu Camões da novella em prosa, ao seu Miguel de Cervantes: — mas em cima do theatro, seria uma adivinhação de muito mau gosto.

Confiamos na illustração do Governo de Sua Magestade — que tal se não ha-de permittir, quanto mais determinar.